



*Adriano Figueiredo*



# MAPA ARTÍSTICO ADRIANO FIGUEIREDO

## Tradição e Natureza sob as Curvas e Movimentos de Cores Emancipadas.

*"Eu me considero um artista visual, não me considero nem grafiteiro, nem artista de rua, nem art street, eu sou um artista visual que gosto de experimentar diversos suportes, diversas formas de fazer arte. Gosto de pintar no ateliê, em tela, MDF, em madeira, já pintei até no asfalto, então, eu me considero um artista visual. Eu tenho a liberdade de me expressar da maneira que eu achar importante no momento, a cada momento a gente tem uma necessidade".*

*"Minha pintura é letra"*

*"O pixo é o próximo que vai pra galeria!"*

*"Na rua a linguagem é mais direta"*

*"Eu me sinto mais à vontade com os artistas de rua"*

*"Eu via meu avô transformando um pedaço de madeira em instrumento e ainda tocava"*



Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020

*"Quando eu decidi fazer arte, a primeira coisa que decidi foi isso, falar sobre a minha cultura"*

*"Meu trabalho é pra mostrar para os cuiabanos que eles têm que ter orgulho dos seus costumes, dos seus símbolos e valorizar isso".*

*"Eu nunca consigo fazer perfeito como eu imagino. Aí quando eu termino eu encosto, deixo ela [a tela] de costas por um tempo, aí essa imagem que está perfeita na minha cabeça some, aí eu consigo gostar".*

As obras do artista Adriano Figueiredo Ferreira realizadas na cidade de Cuiabá, quando traçadas em um mapa geográfico de seus logradouros, produzem um percurso significativamente cúmplice das narrativas emocionais de sua trajetória artística. O desenho que se forma a partir dos pontos onde estão as artes catalogadas no período da pesquisa, parecem oferecer dois mapas em um. Uma parte deste mapa, no formato que lembra uma seta para várias direções, simboliza, não por acaso ou coincidentemente, uma natural multiplicidade criativa que libera o artista ao encontro de novos processos artísticos e territórios de experimentações.

A ponta inferior à esquerda de quem visualiza o mapa de frente, sugere o início de uma história que vai se abrindo em expoente subida apontando várias direções: para esquerda, para cima, para a direita, para frente, nas quais o mapa indica continuidade. Cada uma das direções desta seta orgânica cartográfica, simboliza uma abertura de atuação e roteiros em diferentes frentes de contato artístico, como grafites nas ruas, trabalhos no ateliê, encomendas em pontos comerciais, intervenções, produções feitas diretamente na natureza e com matéria prima da natureza, e ainda nesse fluxo contínuo de respiração e pulsação artísticos, vivencia realizações de entrevistas virtuais com artistas e pessoas ligadas à cultura local, atividade que foi favorecida pelo momento de obrigatório distanciamento social ensejado pela vigente pandemia iniciada em 2020.

Como a própria narrativa do artista nos permite conhecer, a seguir, a simbologia é um gatilho essencial em seu território existencial. Permitamos-nos, com efeito, usar do elemento visual que delibera esta arte: a Imaginação. Imagem em ação a serviço da ação da imagem na criação de símbolos reais e latentes até mesmo no mapa cartográfico pessoal de vida de cada um de nós, leitores.

## Partilhas

Desde o mês de abril do ano de 2020, Adriano Figueiredo tem realizado entrevistas virtuais, transmitidas em tempo real, com artistas e pessoas ligadas à cena cultural cuiabana, seja por meio da arte ou da natureza. Através da sua rede social e na frequência que sua rotina permite, o artista lança-se a uma outra linguagem comunicativa, e juntamente com seu convidado promove essa partilha de conhecimentos e experiências de outros processos existenciais, os quais, ao cruzarem o seu, já participam da modelização do seu próprio território.

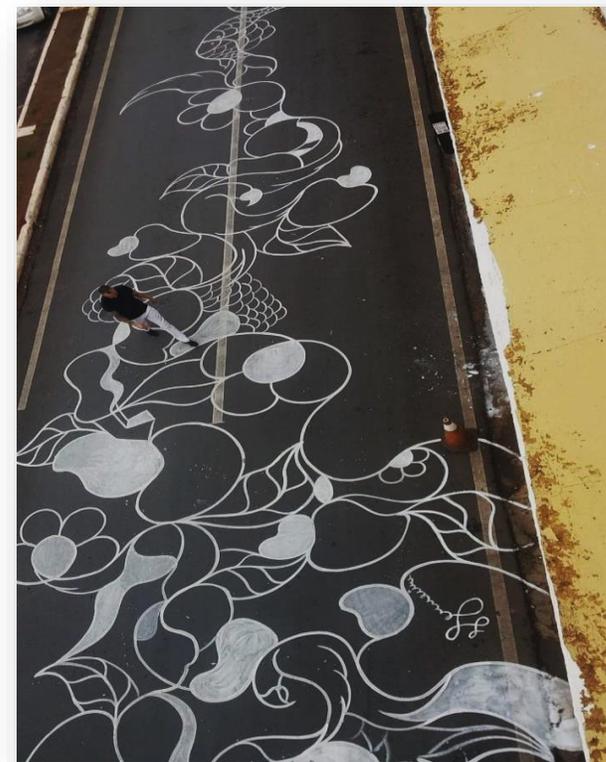
*“Foi uma sequência de acontecimentos que me levaram a ideia de fazer as lives. Na verdade eu tive essa ideia antes da pandemia, mas nunca tinha tido tempo, nem meu nem das pessoas que eu queria conversar, e com a pandemia a gente conseguiu ter tempo. Logo quando estourou a pandemia eu fiquei muito preocupado com as pessoas que teriam que ficar em isolamento.. né ... rsrs ... preocupado com a sanidade mesmo dessas pessoas que não tinham costume de ficar dentro de casa e eu queria fazer alguma coisa pra ajudar. Eu fiz uma pesquisa no meu facebook perguntando como eu poderia ajudar vocês. A pergunta era: 'como eu posso ajudar vocês neste período de isolamento?'. No começo eu fiz uma oficina de desenho, depois uma de pintura, eu vi que as pessoas estavam mesmo precisando, a repercussão foi muito boa. Eu queria continuar próximo das pessoas, e logo depois, eu tive a ideia de começar a conversar com os artistas e aproveitar esse momento que, tá todo mundo com um pouco mais de tempo. São conversas que eu já gostaria de ter tido com eles e nunca tinha tido a oportunidade de sentar e conversar, e aí eu escolhi pessoas que eu já tinha afinidade, que eu já conhecia. Eu comecei bem quando estourou mesmo, acho que foram mais de dez bate papos até agora. Comecei com Babu78, depois fiz uma live com um artista de Portugal, um cara muito conceituado lá fora, quem fez toda ligação foi a Isis que tá na Alemanha, ela que me apresentou ele, fez toda conexão, foi um bate papo muito legal. Depois eu conversei com a Ruth Albernaz, e aí foi a Camila Passinato, William Gama - curador, André Gorayeb, Flávia Salem, Coronel Barroso, Romeu Benedicto (ator e criador do personagem cuiabano Totó Bodega) ... e agora não estamos falando só de arte, estamos falando sobre as queimadas no Pantanal também. Tem sido uma experiência maravilhosa, fantástica mesmo. A gente teve oportunidade de falar de uma maneira informal, descontraída, sem nenhuma pretensão, a gente tá falando sobre arte como se fosse um bate papo mesmo, sentado, tomando alguma coisa e conversando. Então eu vejo que os artistas estão muito preocupados, principalmente né, acho que é algo em comum entre todos, é a preocupação com o momento, a preocupação com as pessoas e segundo a dificuldade, como a pandemia afetou todo mundo, todo mundo tendo que se reinventar, a dificuldade chegou pra todos. Eu vejo também, assim como eu, eles estão aproveitando esse momento pra fazer algumas coisas, alguns projetos que estavam no papel, algumas coisas que eles tinham pensado e não tinham tempo, então eles estão usando esse tempo pra produzir essas coisas que normalmente não teriam tempo de fazer. O resultado, pra mim, também foi incrível, eu consegui aprender com eles, entender o trabalho, ver como é maior do que parece, né, o que a gente vê sempre é a pontinha do iceberg. Assim como eu, as pessoas veem o meu trabalho mas não sabem o estudo, o processo, tem toda uma complexidade, e com eles também é assim. Eu vejo que os artistas daqui eles estudam, eles experimentam, tem uma profundidade no trabalho e isso eu achei muito bacana, e é uma oportunidade que eu tenho de falar e as pessoas que estão começando tem oportunidade de ouvir esses artistas, como é o processo criativo deles, como eles lidam, como é o relacionamento deles com o seu trabalho, principalmente com esse momento, e, a arte aqui né, o nome da live é Arte no Mato. Então, eu tô tirando grandes reflexões e aprendendo bastante, e tem sido uma maneira de me conectar com as pessoas, continuar próximo a elas, ajudar elas a passar essa dificuldade ou confinamento e aprender alguma coisa, ter algumas experiências novas. Tenho acompanhado outras lives pelo Brasil todo, e talvez se não tivesse essa situação a gente não conseguiria ter essa oportunidade”.*

Do mesmo modo como a profissão de artista não foi planejada, seu mapa também não parece confluir, e sim, renascer com uma certeza redirecionada com novo formato e novo caminho - tocando extremidades de setores. Apesar de carregar na memória uma infância de contatos com a cultura, a arte e a natureza: aprendizados naturais pela observação e prazerosos auxílios para com seu avô - músico que praticava a fabricação artesanal da viola de cocho, precioso bem, hoje saber imaterial da região centro-oeste brasileira - e; incentivos autênticos vindos das férias inspiradoras no sítio dos seus avós maternos no município de Nossa Senhora do Livramento, houveram momentos de incertezas ao longo de ciclos e amadurecimento espiritual. Espiritualidade não em caráter religioso, mas em autotransformação, quando a visualidade externa se inverteu e auto refletiu internamente:

*"Quando eu saí pra rua, foi uma questão íntima. Eu estava pintando em meu ateliê, e eu estava criando uma vaidade muito grande. Eu não queria mais nem pintar pra minha filha. Porque eu falava, 'não, é meu trabalho, as pessoas pagam pra eu pintar, não vou ficar pintando ...'. Então eu comecei a ter essa vaidade e fui pra rua, comecei a pintar na rua pra acabar com isso, eu queria colocar minha arte não só na casa de quem pode pagar, eu queria que todo mundo tivesse acesso ao meu trabalho, então eu fiz mais do que pintar na rua, eu pinte no chão, eu falava, 'vou pintar no chão que é para as pessoas pisarem na minha arte, e acabar com isso, com essa vaidade que eu estou criando dentro de mim'".*



Fonte: Arquivo pessoal. Artista: Adriano Figueiredo Ferreira. Rua 13 de junho, Cuiabá/MT, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal. Artista: Adriano Figueiredo Ferreira. Rua 13 de junho, Cuiabá/MT, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal. Artista: Adriano Figueiredo Ferreira.  
Rua 13 de junho, Cuiabá/MT, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal. Artista: Adriano Figueiredo Ferreira.  
Rua 13 de junho, Cuiabá/MT, 2015.

*"Com isso eu me senti livre, então hoje o meu trabalho não é pra quem paga, é pra todo mundo, todo mundo pode ter acesso. Esse foi o motivo que me fez ir pintar na rua".*

### Técnica cuiabana: Surfar Nuvem

Como o próprio Adriano diz, "pintar na rua ... tem algumas coisas na rua que te pegam, que é muito diferente de pintar aqui [ateliê]. A primeira coisa é a emoção de estar na rua, você tem contato com as pessoas diretamente, é imprevisível. A gente brincava que surfava nuvem, sabe como é surfar nuvem? Tá um sol do caramba, aí vem uma nuvem, você vai e pinta na hora que a nuvem tapa o sol, aí a nuvem passa e você pára, porque você não aguenta pintar, então a gente surfava as nuvens!"

"Eu falo que os artistas cuiabanos são uns dos melhores tecnicamente, porque aqui seca instantaneamente a tinta, então não tem tempo pra fazer efeito, e a gente faz efeito, nesse calorão a gente faz efeito! Tem que ser muito rápido, tem que ter muita habilidade, porque o calor daqui é muito grande".

"A rua serve pra eu entender como as pessoas veem meu trabalho, é um trabalho que você coloca na rua e ele está conversando com milhares de pessoas o tempo todo. A rua é a maior divulgação que você pode ter, ela [a arte] vai estar lá, e a pessoa vai gostar ou não, ela vai estar lá".

*"Eu me considero um artista visual e não me coloco nenhum tipo de limitação. Esses dias eu pintei no lixão. Fui lá no lixão e pinte uma pessoa, pinte uma pessoa que ... é invisível né, o nome do projeto é 'Invisíveis', ninguém vê elas, ninguém quer ir lá no lixão. Eu mesmo nunca tinha ido, se não fosse por isso talvez nunca iria. Então são pessoas invisíveis que, com a arte, eu queria mostrar".*

Do ateliê para as ruas, e das ruas para o Lixão de Cuiabá. O Aterro Sanitário da capital mato-grossense também recebeu a operacionalidade artística e humana deste artista cuiabano. Com a intervenção urbana chamada Invisíveis, Adriano Ferreira foi até o Lixão da cidade e pintou camisetas de pessoas que vivem da coleta de lixo ... do nosso lixo. Torná-los visíveis colorindo com arte suas roupas, teve também o propósito de alertar sobre essa realidade que vive distante de nossos olhos e incentivar a coleta seletiva do lixo que produzimos diariamente.

O local da arte visual contemporânea de rua é onde há vida, toda e qualquer manifestação de vida: animal, vegetal, mineral, hominal. As vidas 'invisíveis' que se sustentam do/no Lixão fazem parte do percurso pelo qual este artista se move e habita sua trajetória, por esse motivo, sua geografia inclui este território.

*"Essa ação teve o intuito de levar arte e cor para o dia dos catadores que trabalham há 8km do centro da capital, rumo à Chapada dos Guimarães e são na maioria das vezes, esquecidos pela comunidade. Eles estão bem aqui e colocando a mão na sua meleca!*

*Comece o processo de separação de resíduos dentro de casa, essa atitude ajuda e muito o trabalho de catação".*

Trecho retirado da rede social do artista.



## INTERVENÇÃO - INVISÍVEIS

Fonte: Arquivo pessoal. Artista: Adriano Figueiredo Ferreira.  
Intervenção: Invisíveis, Cuiabá/MT, 2020.



Artista: Adriano Figueiredo Ferreira.  
Intervenção: Invisíveis, Coxipó do Ouro-Cuiabá/MT, 2020.  
Fonte: Arquivo pessoal.

A cartografia segue com produções em campos internos e externos: galerias, ateliê e espaços públicos. A geografia formada pelas habitações artísticas de Adriano Figueiredo é construída também por imagens emocionais. Essas imagens se referem a obras, propriamente, e o veículo emocional é a história que conduz ao produto que se encontra no trajeto físico pela cidade.

Dentre histórias de imagens e processos emocionais que correm pelo corpo do artista, assim como percorre e dá vida ao seu bio-mapa, uma em especial ganha visualidade e sonoridade nesta rota. Trata-se da obra realizada em um viaduto na região do Centro Político Administrativo da capital, por meio de convocação em edital...

*"Fui convidado pra participar de um coletivo, seriam vários artistas que pintariam o viaduto da Sefaz, o conhecido HotWheels. Eu apresentei meu esboço, foi aprovado, e aí quando estava executando né - já tinha feito o desenho - eu fiz o desenho e vim embora pra casa e aí me ligaram, porque tinha um vereador lá falando que teria que mudar o desenho. Sofri uma censura porque era uma dançarina de Siriri e ela estava a frente do Templo [Templo religioso], e aí o vereador achou que era uma ofensa à religião dele, e estava fazendo uma ... com posso dizer, é difícil porque eu não estava lá no local, eu gostaria muito de estar lá ... mas ele estava muito bravo porque tinha feito aquela dançarina, e ele considerava o Siriri como um símbolo pagão ... não sei cara o que passa pela cabeça ... mas ele não queria que tivesse aquela dançarina lá. Aí me ligaram, eu falei que não ia apagar, que não ia refazer, que se ele fizesse qualquer coisa ali, ele não estava comprando briga comigo, mas sim com a cultura porque o Siriri é o símbolo mais forte da nossa cultura. Enfim, houve muita confusão, aí minha esposa, que é a pessoa mais sensata, e ela sempre me ajuda nessas questões, ela entrou em contato, ela resolveu, e no final eu tive que mudar o desenho. Até hoje eu sinto muito isso, porque eu não gostaria de ter mudado, mas teve a questão do contratante que pediu né, várias questões, aí no final eu tive que mudar o desenho, e é algo que eu sinto muito até hoje porque eu acho que uma dançarina dentro do Siriri não ofende nenhuma religião, mas isso aconteceu e ficou marcado. A pintura tem dois lados. A primeira face foi a que sofreu censura, que eu tive que modificar, que inicialmente era uma dançarina de um lado e os elementos do outro. No final eu tive que improvisar, e ficou os dois lados só com elementos, com os nossos símbolos".*

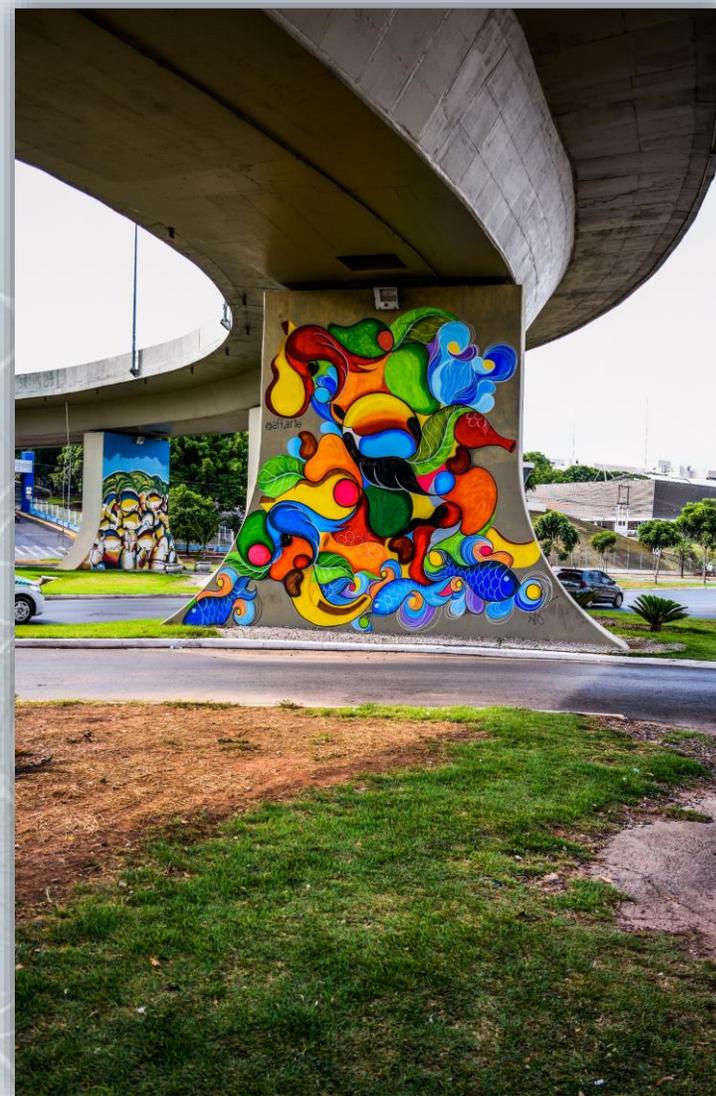


Viaduto "Sefaz" – Centro Político e Administrativo – St. Oeste  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020

\*Siriri é uma dança típica da cultura cuiabana e do Estado de Mato Grosso. Tradicionalmente dançada por mulheres, homens e crianças, é acompanhada por versos cantados e instrumentos musicais como o ganzá, mocho e a viola de cocho, a partir de uma grande roda. Remete a miscigenação indígena, portuguesa, espanhola e africana há mais de duzentos anos, especialmente manifestado na região Sul da capital mato-grossense.



Viaduto "Sefaz" – Centro Político e Administrativo – St. Oeste  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Viaduto "Sefaz" – Centro Político e Administrativo – St. Oeste  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020

A natureza não é um simples conteúdo para as cores e curvas que suas obras apresentam. Para Adriano, a natureza se confunde com o próprio fazer artístico. A cartografia deste artista se estende ao Pantanal matogrossense como matéria-prima de suas recentes criações. O produto não é o resultado da obra que se vê, mas sim, o movimento benemérito invisível que acontece com as vendas e incentivos midiáticos para a conscientização e preservação do Pantanal em suas biodiversidades.

"Você imagine, eu aqui pintando o pantanal bonito, colorido, ganhando dinheiro e o pantanal pegando fogo, os bichos morrendo queimados ... eu não estava mais conseguindo pintar colorido, bonitinho. Começou assim, perdendo as cores, aí eu não me senti bem ainda, eu estava tentando me sentir bem, voltar e conseguir pintar o pantanal, mas não estava conseguindo. Aí eu queimei uma obra, postei e vi que o pessoal estava com mais dó da tela do que com ... rrsrsrs, eu vi mais repercussão de apelo à obra queimada ... aí eu queimei mais uma, só que eu queimei só algumas partes, aí apareceu gente querendo comprar. Eu não me senti bem, não vou ganhar dinheiro com uma tragédia dessa, minha intenção não é vender". Cheguei lá [no pantanal] conheci o Coronel Barroso [Coronel do Corpo de Bombeiros Militar de Mato Grosso, responsável pela Base de apoio aos trabalhos voluntários em ajuda ao Pantanal], que é um cara incrível, ele perguntou: 'porque você não pinta umas obras pra vender, para gente levantar dinheiro rrsrs' ... eu falei, cara, eu vim aqui pra isso mesmo! [...] Estamos fazendo leilões na internet, já estamos no sexto leilão, já levantamos nove mil e duzentos reais, que foram doados, que vão direto para as instituições. E mais que o valor, a gente está inspirando outras pessoas a ajudarem, porque o pantanal está passando por um problema que não é de agora, é muito mais complexo do que a gente pensa. Ele vem secando já tem uns 3, 4 anos né ... que a chuva não é normal, isso que aconteceu agora foi o estopim né, mas ele já vem sofrendo a muito tempo".

## OS ARTISTAS LOCAIS

*"Acho que, porque a gente não tem uma faculdade formal, os artistas daqui são muito mais viscerais, eles têm que correr atrás mesmo do conhecimento, e eles não sofrem muita formatação, então você vê que cada um é diferente do outro, tem um linguagem, ele cria sua própria história né, desde o início ali. Então acho que isso, na arte cuiabana, dos artistas serem bem raiz mesmo, ser autodidata, ter esse processo de conhecimento de experimentação, se conhecer ... eu acho que isso é algo que o diferencia. Eu vejo, fora tem muitos artistas que são muito semelhantes, acho que sofrem um pouco dessa formatação que é acadêmica, têm muita qualidade técnica, mas tem seu diálogo e sua linguagem bem semelhante. E aqui em Mato Grosso eles são muito diferentes, eles fazem questão de ser diferente, aqui o artista quanto mais diferente for um do outro ... não é assim: Ah o Adriano está aqui fazendo isso eu vou fazer isso também, não eu não vou, vou pra outro lado".*

## GRAFITE COM INFLUÊNCIA DAS ARTES PLÁSTICAS

*"As referências dos artistas daqui são dos artistas plásticos, porque eram eles que pintavam nas ruas. Quem pintava nas ruas eram os artistas de ateliê que eram contratados para pintar na rua, então, quem faz grafite na rua hoje, é porque viu um Adir Sodré, um Gervane, um Jonas Barros ... então a gente tem essa influência deles, e o grafite daqui é totalmente diferente de qualquer lugar, têm essa semelhança com esses artistas [plásticos]. Já fora, ele tem uma referência de grafite, então, mais do que pintar ou fazer um grafite, ele vive toda a cultura Hip-Hop, tem todo esse universo, que aqui é independente, eu posso pintar na rua e não pertencer a esse universo. Quem faz grafite fora já pertence a esse universo do Hip-Hop, que tem o Rap, a pichação né, é um ciclo, tem várias vertentes, e o grafite já faz parte disso, é um dos elementos. E aqui não, o artista sai pra rua e faz, não necessariamente ele participa desses outros elementos".*

## OS NOVOS ARTISTAS

*"No começo eu não pintava comissionado, eu pintava por iniciativa mesmo, depois que as pessoas começaram a ver, começaram a pedir, pagar pra fazer. Mas os primeiros foram todos espontâneos. Saíamos eu, meu sobrinho, já pinte com Babu, já pinte com Jonnier, a gente se encontrava na rua e pintava, só por prazer mesmo de pintar, e com essa intenção que eu tinha no ateliê, de falar sobre a cultura e essa vontade de afirmar esse orgulho que a gente tem. E hoje em dia os artistas novos, na maioria deles, eles não perderam isso, eles estão fazendo um trabalho mais universal mesmo, né, acho que pela influência da internet, a gente tá perdendo um pouco da nossa raiz, você pode ver os trabalhos dos novos, têm pouco da nossa cultura mesmo, você vai ver muito isso nos antigos, mas, dos novos artistas, é uma visão mais universal, temas mais universais, eles não se interessam tanto pela ... tribo... então eu comecei fazendo pra estimular também, pra mostrar que dá pra fazer um trabalho moderno, né, que não seja igual ao que sempre foi feito, com uma linguagem diferente, mas sem deixar de falar dessas coisas".*

### "O PIXO É O PRÓXIMO QUE VAI PRA GALERIA!"

*"Uma vez eu falei isso e a pessoa riu, mas, o pixo é o próximo que vai pra galeria. Esse que todo mundo xinga, acha horrível, ele vai, já está indo, tem galeria que ele já está dentro. Os artistas de rua (grafiteiros, street art) eles fazem pixo, rsrsrsr, a maioria faz pixo, pode perguntar pro Babu, pro Siq, todos eles fazem pixo, então eles vão levar esses caras para a galeria, os caras que só fazem pixo. Por exemplo, eu já vi o Crânio, que é um artista de São Paulo, colocando no trabalho dele ... ele chama esses caras que faz pixo, pra colocar dentro do trabalho dele, e aí, vai pra galeria. Já tem artista que faz só pixo e já é contratado de galeria. Então tem esse intercâmbio entre os artistas, [o pixo] tá virando arte".*

## SÉRIES, TÉCNICAS E MITOLOGIA

A trajetória visual que desenha o próprio mapa emocional deste artista explora campos distintos, como as direções de seu mapa podem indicar. Os cruzamentos entre o que poderia ser apenas uma simbologia cartográfica e o conteúdo que habita os pontos, retas e encontros nesta cartografia, possuem um quiasma de complexidade significativamente real e imaginária (o que para a Psicanálise de Carl Jung, a Sociologia de Michel Maffesoli, a Filosofia e Antropologia de Gilbert Durand, entre outros, se referem a um mesmo e correspondente universo de pertencimento: antes de ser chamada de realidade, foi real na imaginação, o real precisa ser imaginado para ser concretizado). Simbologia, imaginário e realidade são correlacionais, e se concretizam na imagem visual de suas produções.

A escolha à óleo para dar luminosidade, o acrílico para efeitos mais diretos e a aquarela para quando todas as técnicas parecem cansadas ... é, mas esta ordem seria quase trivial para este artista ... é quando um uso de espátula lhe proporciona uma outra técnica, que leva a outros quadros, que por sua vez à uma nova Série. Até este momento, 9 (nove) Séries podem ser contadas, dentre as que ainda não receberam exposição. Entre imaginações materializadas que vão da natureza ao mito em telas e paredes, talvez seja este lugar a permitir certa conexão com uma cosmogonia Adrianiana!

➤ Série “Sotaque do Mato” - Onde cultura e natureza tornam-se um mesmo elemento.



Arquivos redes sociais do artista/2019



➤ Série “Elementos” - Emancipação Cultural/2021



Arquivos redes sociais do artista/2021

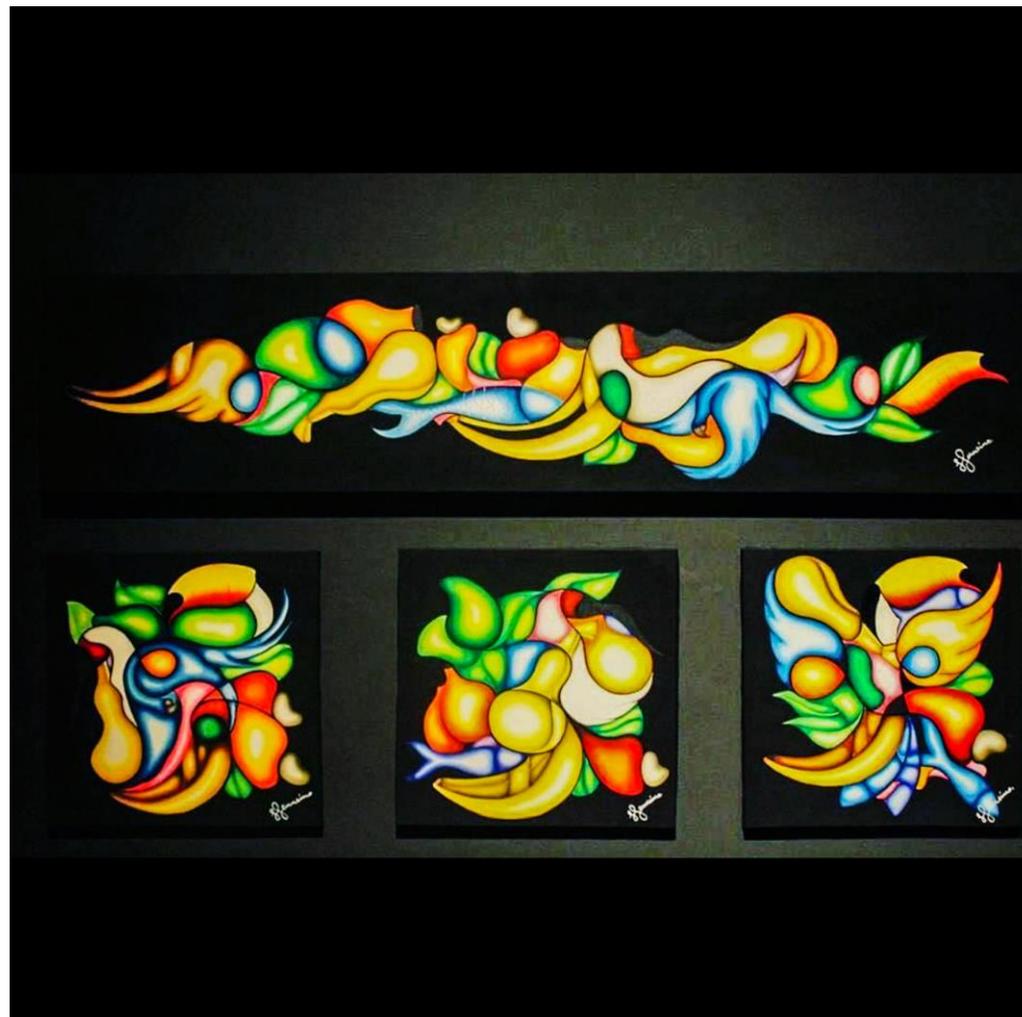


➤ Série “Elementos” - Emancipação Cultural/2017



Arquivos redes sociais do artista/2017

➤ Série “Elementos” - Emancipação Cultural/2016



Arquivos redes sociais do artista/2016

➤ Série “Siriri no 12” - A cultura local no global cultural - cores e curvas premiadas no Festival Internacional de Arte e Cultura, realizado em Istambul, Turquia, no ano de 2017. O Grupo de dança folclórica de Cuiabá Flor Ribeirinha, ganhador deste prêmio internacional, utiliza roupas estampadas pela arte de Adriano Figueiredo Ferreira.



Arquivos redes sociais do artista/2016



Arquivos redes sociais do artista/2016



Arquivos redes sociais do artista/2017



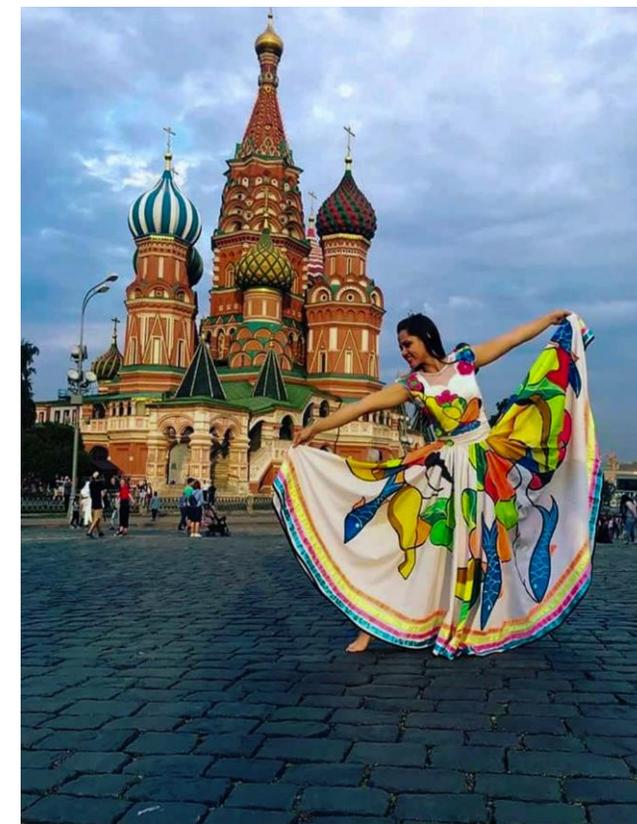
Rio de Janeiro  
Arquivos redes sociais do artista/2016



Rio de Janeiro  
Arquivos redes sociais do artista/2016



China - arquivos redes sociais do artista/2019



Moscou  
Arquivos redes sociais do artista/2018



Ateliê do artista, confecção figurino Grupo de Dança Flor Ribeirinha  
Arquivos redes sociais do artista/2017

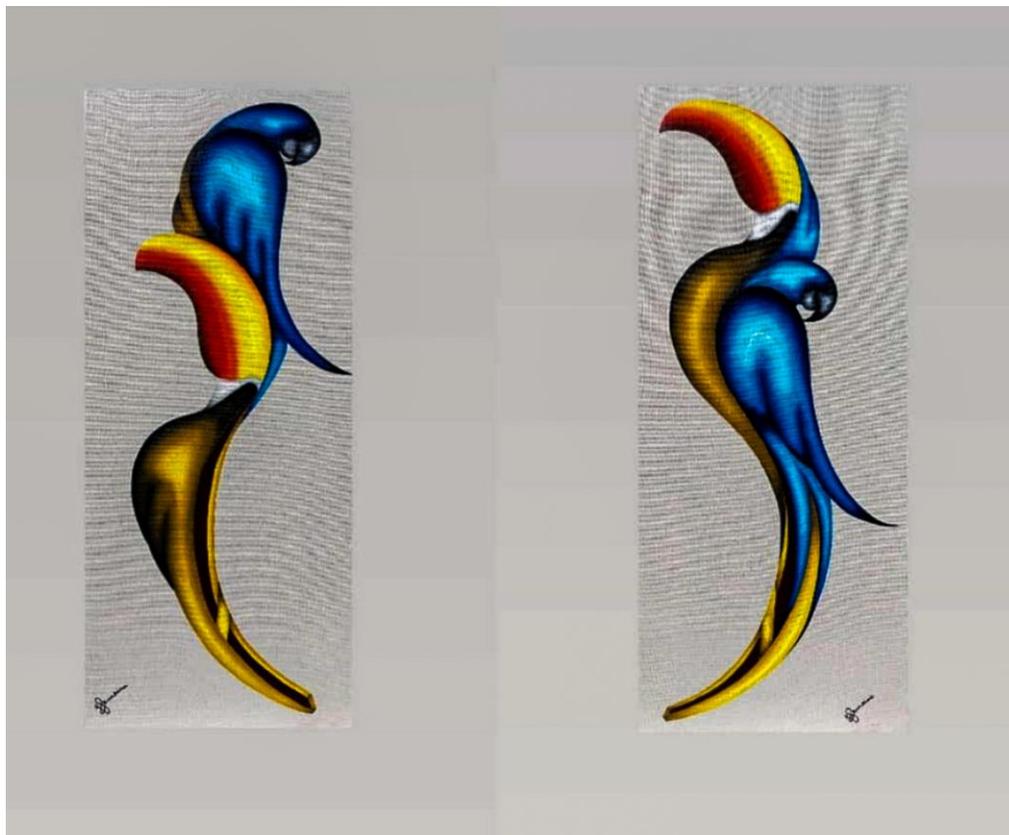


Grupo de Dança Flor Ribeirinha, figurino pintados a mão  
Arquivos redes sociais do artista/2021



O Grupo de Dança Flor Ribeirinha é campeão no maior  
Festival de Folclore do Mundo.  
Arquivos redes sociais do artista/2017

➤ Série "Primal" - Partes de um todo. Homem e natureza em reciprocidade. Deu origem a série Fractal.

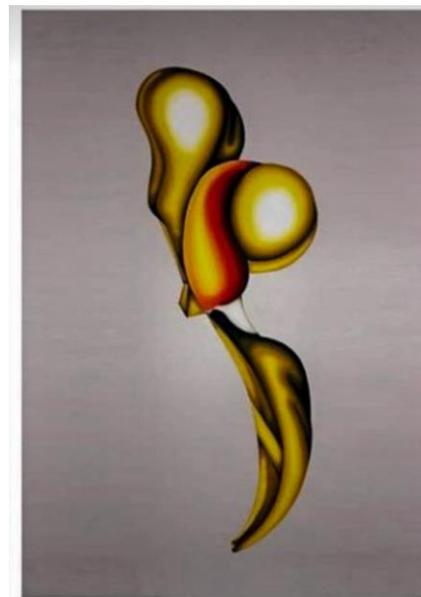


"Convite a um exercício de percepção"  
Arquivos redes sociais do artista/2020





“Convite a um exercício de percepção”  
Arquivos redes sociais do artista/2020



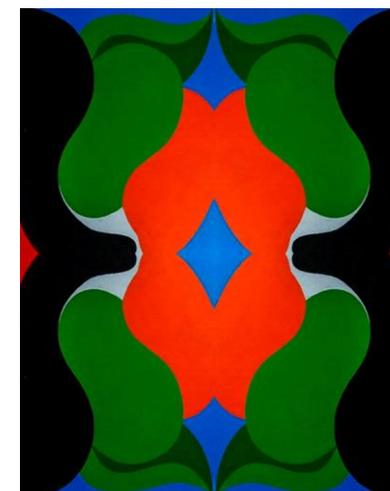
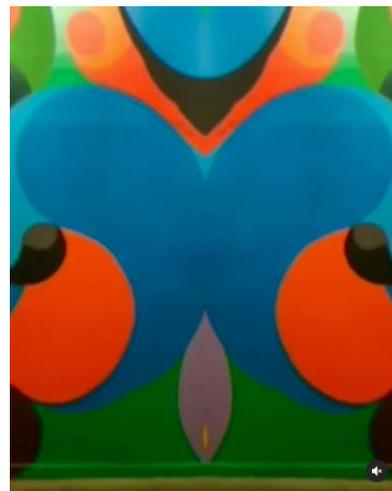
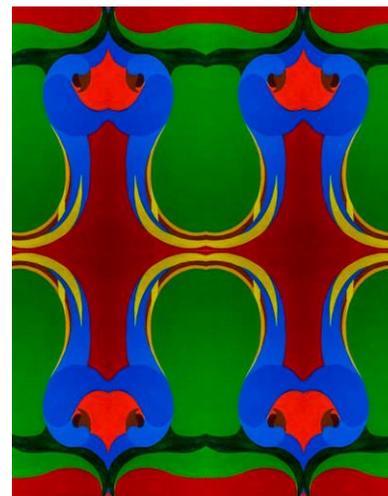
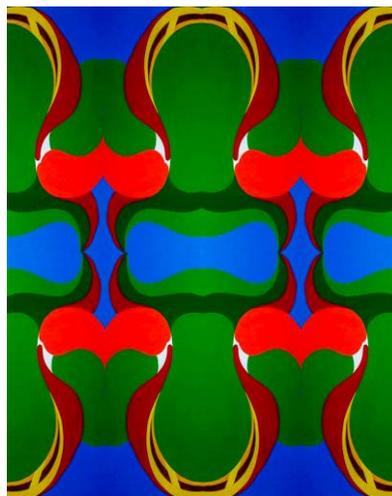
Adriano Eguren Ferraz • Primavera/2017



Adriano Eguren Ferraz • Primavera/2017



➤ Série “Fractal” - Imaginários de fragmentos inspirados em elementos da natureza que se repetem, como num contínuo da emergência da vida, de toda e qualquer vida.



Arquivos redes sociais do artista/2020

- Série “Tropical” - Encantamento, cores e luminosidade! O que temos e como queremos preservar.

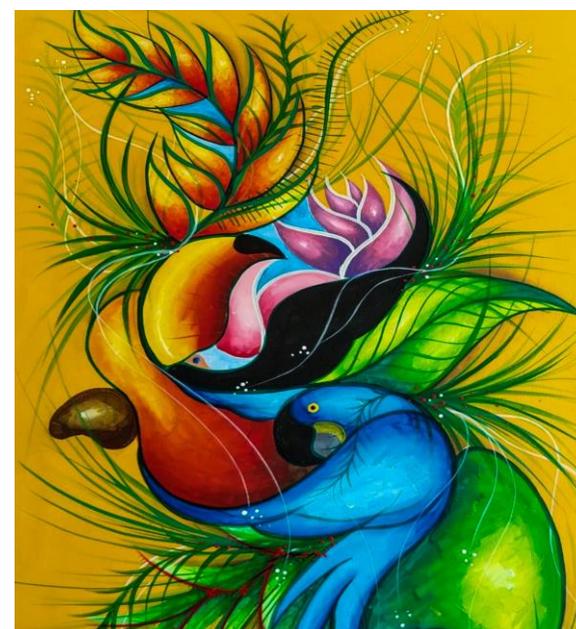


Arquivos redes sociais do artista/2019





Arquivos redes sociais do artista/2019



O amor que inspira aqui, lança-se a sentidos visuais que podem provocar revelações sobre o caminho místico ou divinal de onde vêm. Com a palavra, ou melhor, com a imagem: a Série After!

➤ Série "After" - A técnica espatulada. Inspiração ou Intuição?



Série After, 2021. Rede social do artista.

*"Tinha uma espátula, e brincando com a espátula, saiu a primeira, mas não era pensado. Com o tempo, foi reaparecendo, um mês aparecia um, no outro aparecia três, quatro, fui fazendo. No começo eu não entendia o que era, começou a aparecer essas faces com as espátulas. Depois que eu reuni várias, que eu fui ver que poderia ser Cristo. Por isso o nome After, que tem Af que eu uso. Mas eu brinco que não sou eu que faço não, eu só sou um instrumento, porque ela é muito diferente, pra mim ela é estranha, assim, até aqui no ambiente ela é estranha. Mas é um trabalho que hoje eu gosto muito, tem o próprio público, tem uma galeria que representa exclusivamente ela. Ela que faz o comércio, que vende, tudo, então, é um trabalho paralelo mesmo porque ela tem seu próprio caminho, eu mesmo quase não faço nada ... rrsrsr."*

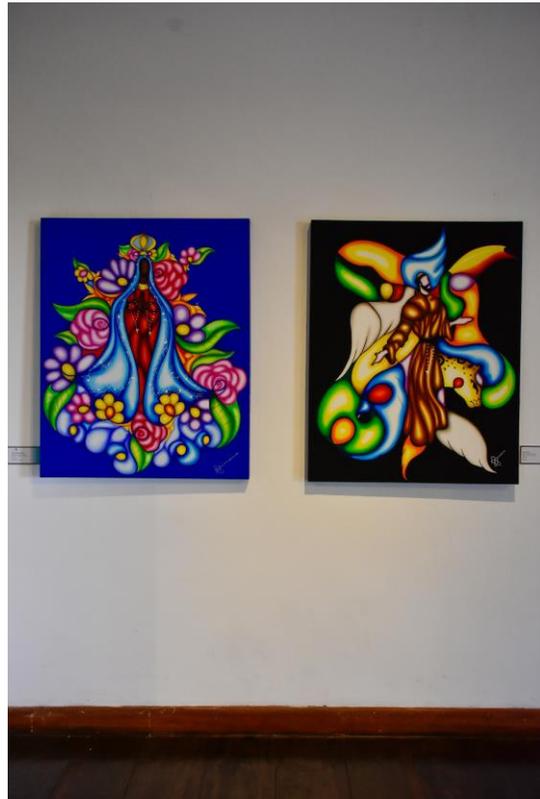
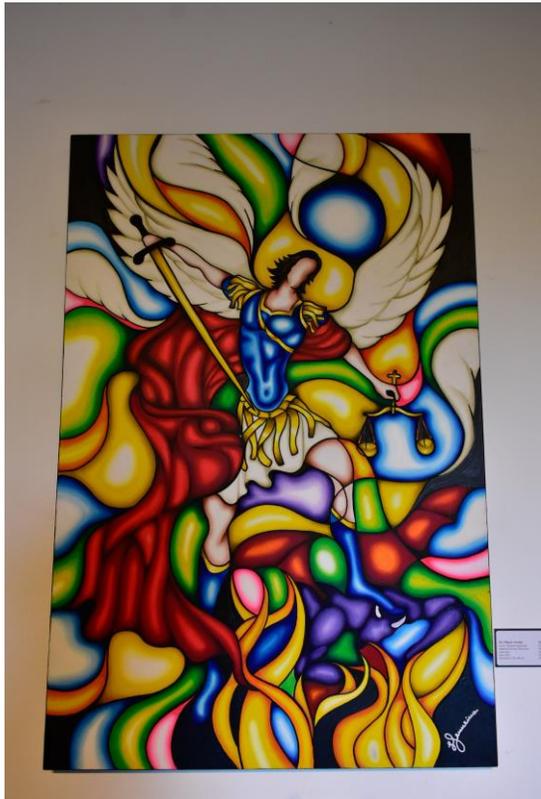
**A própria arte é quem comanda a inspiração, ou intuição!**

*"Eu lembro que eu perdi meu avô, na primeira [a primeira vez que pintou com espátula e com esse desenho da Série After], lembro que quando eu perdi minha vó eu pinte também, eu acho que tem alguma coisa ... quando eu vou pro sítio vem alguma coisa pronta na cabeça, sempre tem, às vezes também muda, começo pensando uma coisa e no meio do processo muda totalmente."*

*Dependendo do dia elas têm semelhança entre as que foram feitas no mesmo dia, mas as próximas já vêm totalmente diferentes. Já cheguei a pintar cinco em um dia. Mas elas, assim, vêm vêm vêm, de repente me dá um cansaço, e não consigo fazer mais. Acho que é um diálogo, eu começo fazer e você estabelece um diálogo com a obra, às vezes ela te fala pra qual caminho vai, às vezes eu paro e pergunto mesmo: e aí, o que é que eu faço agora? E espero ela me responder, rrsrsrs, tem essa conversa assim. Por isso que eu gosto de trabalhar sozinho se não, os outros me internam, rrsrsrs".*

- Série “Religiosa” - Luminosidade! O que, nos vitrais das Igrejas Góticas da Idade Média pode interessar ao homem do século XXI? Adriano utilizou a pintura a óleo para dar luminosidade a um conteúdo também da cultura local: a religiosidade. A luz que vem do Alto místico, transpassando vitrais coloridos, interessa ao artista pelo elemento que mapeia a existência enquanto cidadão cuiabano, que é a devoção aos santos padroeiros locais.

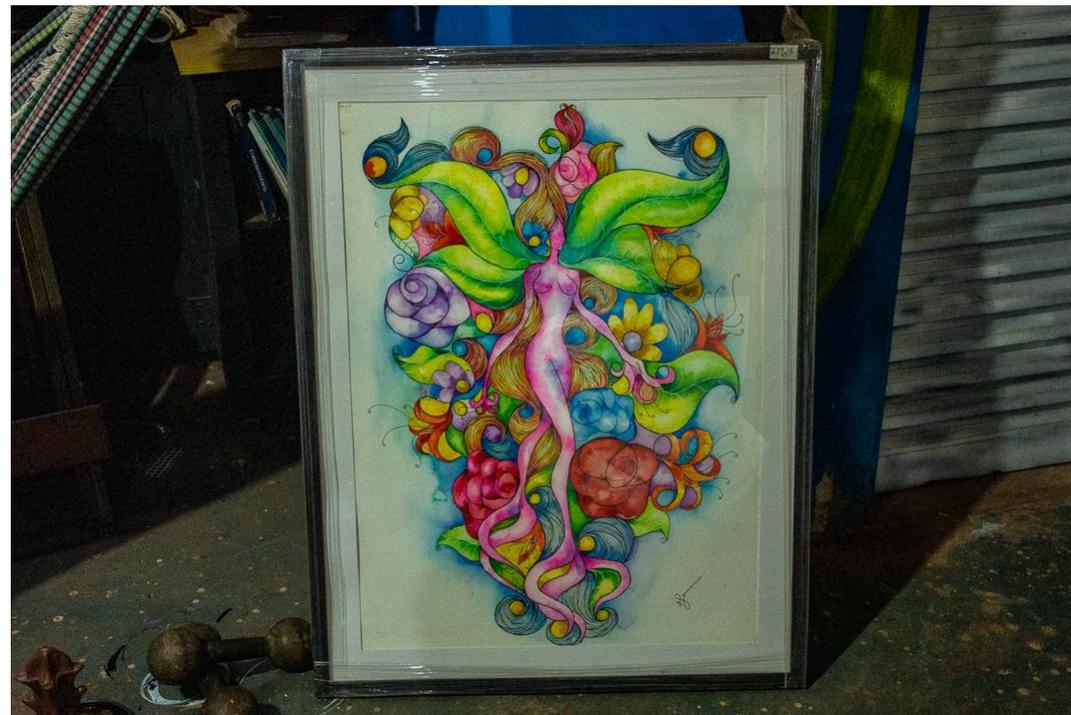
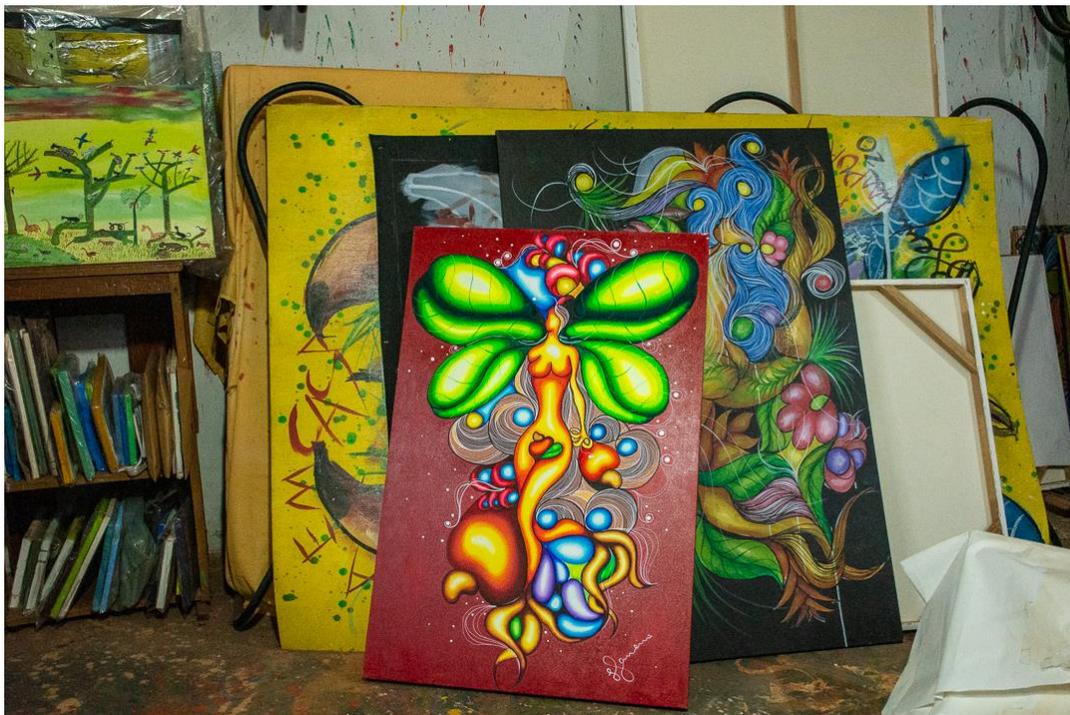




Exposição Museu de Arte Sacra/2021  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2021

➤ Série “As Deusas” - Nesta série o artista pinta “personagens” que habitam sua sensibilidade totalmente capturada pelo universo feminino que o envolve e o acompanha desde os contatos familiares da infância. Sua honra às mulheres que fizeram e fazem parte de sua vida, agora se tornam caminhos, lugares, que dão forma e conteúdo ao seu mapa. “*Eu acho que era natural eu falar desse assunto*”, assim como é natural sua geografia se mover para direções distintas, como se o dual, as duas faces existentes em tudo, o *yin* e o *yang* habitassem também em seu processo de criação, que é o espelho de seu processo de vida.

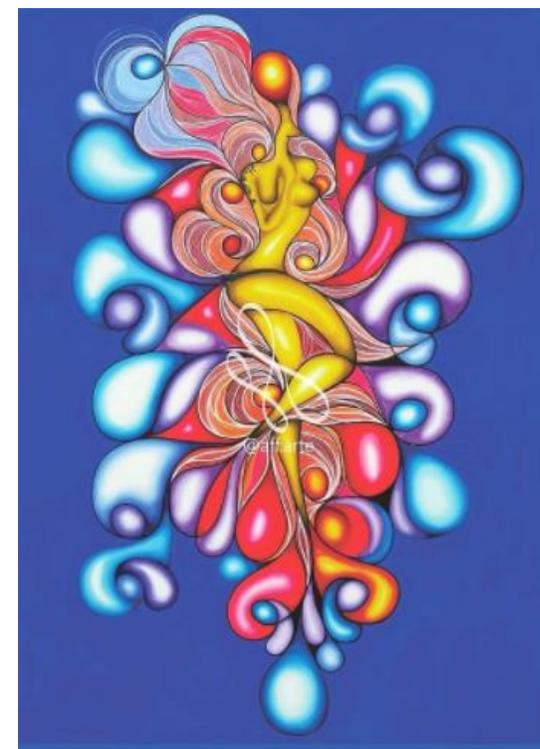
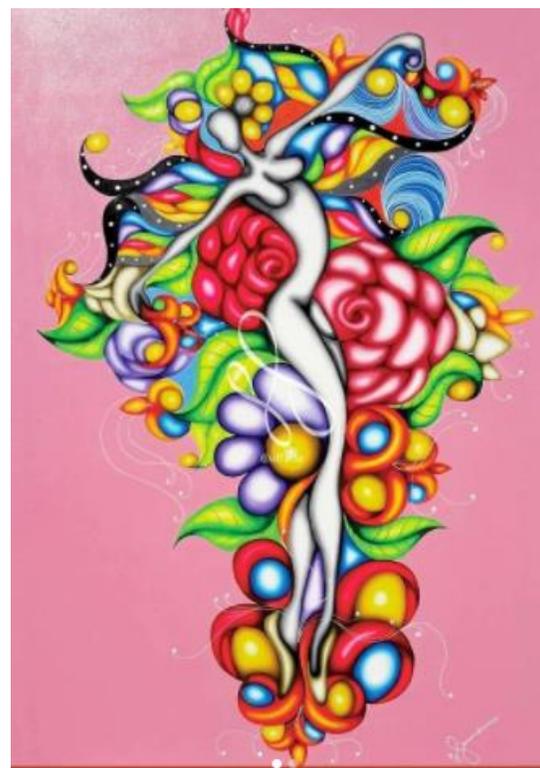
*“A ideia dessa série é criar novos mitos para Mato Grosso, são várias Deusas. A Deusa do Cajú, quem criou essa Deusa foi a Marília Beatriz, que criou uma história pra essa Deusa. Mas tem outros escritores, e outras Deusas, têm a Deusa da manga, a Deusa Negra, que foi a Luciene Carvalho que fez a história, cada uma tem uma história. Eu acho que eu criei o pictórico delas, a história eu deixei por conta dos escritos, então, é uma surpresa pra mim saber quem são elas né, porque e só vou descobrir quando os escritores me mandam”.*



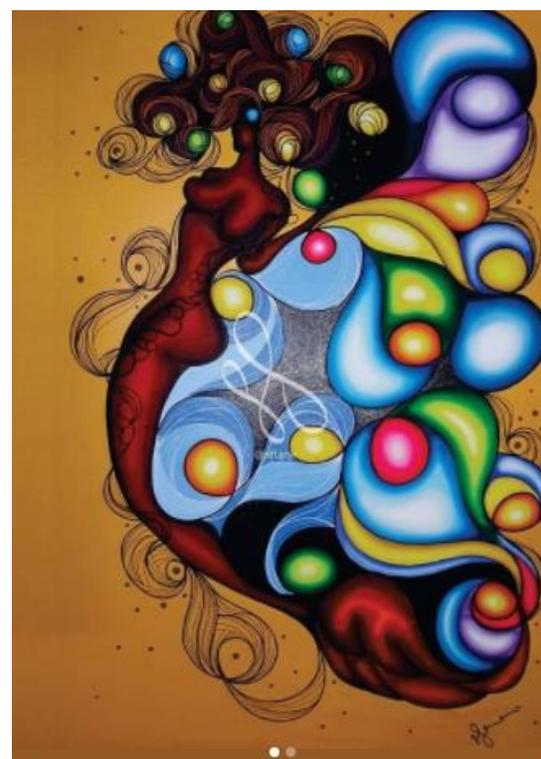
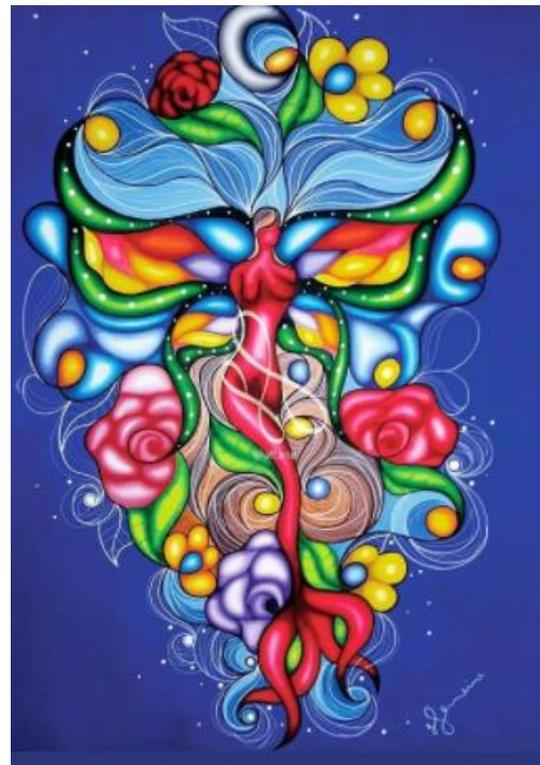
Imagens das obras no Ateliê do artista.  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Série Deusa.  
Fonte: Arquivo Rede Social do Artista



Série Deusa.  
Fonte: Arquivo Rede Social do Artista



Série Deusa.  
Fonte: Arquivo Rede Social do Artista

- **Série “Renasça”** “O projeto Renasça retrata o cenário devastador que ainda aflige o Pantanal. As obras foram produzidas na Transpantaneira com carvão, terra e cinzas, matérias-primas provenientes das queimadas. O pantanal precisa renascer! Juntos podemos somar forças para amenizar os prejuízos e conscientizar a preservação do meio ambiente”. (texto retirado da rede social do artista).

*“Eu paro de pintar uma Série, assim, mas eu tenho que voltar. Eu não sou um artista de fases. Eu abro meu leque, vou abrindo algumas linhas, cada uma tem seu sentido, mas eu nunca deixo elas, eu volto pra elas e continuo desenhando. Nunca pára totalmente uma série ... vai só abrindo, vai ficando mais difícil ... rrsrrs, vai abrindo muitas opções, né, e às vezes parece que eu não estou dando muita atenção pra ela, rrsrrs: ... tadinha daquela Série, faz tempo que eu não pinto nela ... rrsrrs, aí eu volto pra continuar”*



Lançamento da Exposição no Sesc Arsenal.  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020

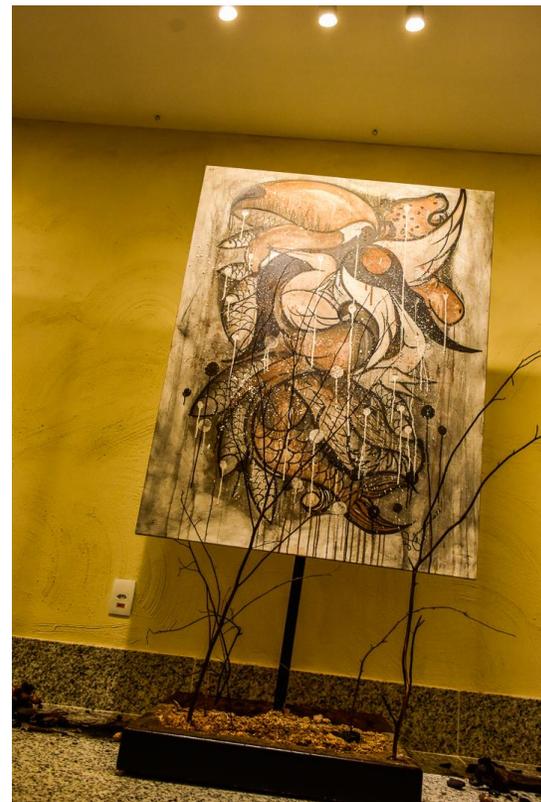
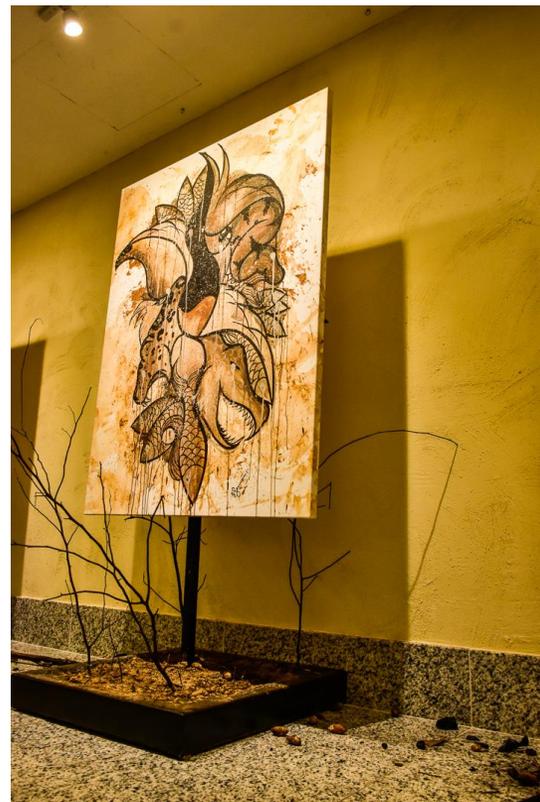
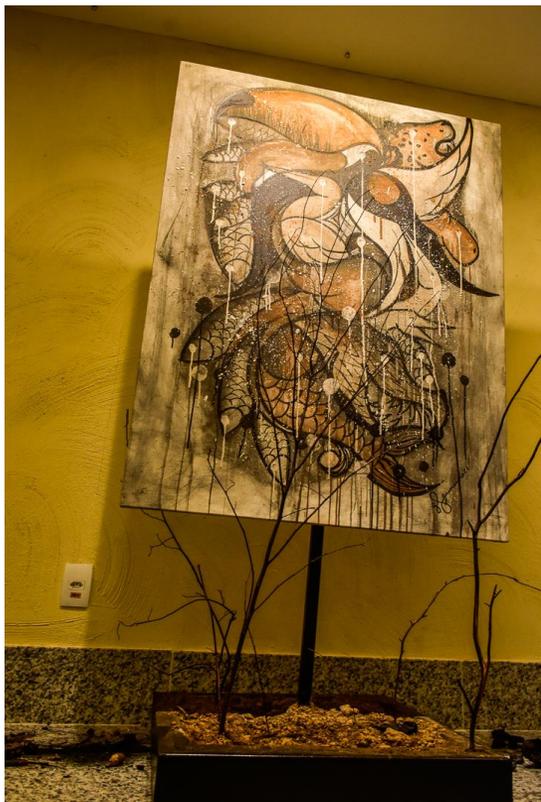


Cartaz de divulgação da Exposição no Sesc Arsenal.  
Fonte: Arquivo Pessoal do artista





Exposição Shopping Estação  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Exposição Shopping Estação  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Exposição Shopping Estação  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Viola de Cocho e Cururueiro - 2020  
Fonte: Arquivo Rede Social do Artista



Série Orixás 2019 Pintura Oléo  
Fonte: Arquivo pessoal, redes sociais.



Muro Supermercado BIG Lar, Várzea Grande  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020

## E O GRAFITE É

*"O grafite, eu acho, é qualquer manifestação que você faz na rua, independente da técnica, se você está se expressando por iniciativa própria, eu considero grafite. E hoje tem o que a gente conhece mais, o que tá mais na moda, é a arte urbana, street art, que é um trabalho muitas vezes encomendado, e o grafite já torce o nariz, o grafiteiro não quer misturar o grafite. O grafite geralmente defende uma causa, faz um protesto, ele nasceu assim, então, a maioria que eu conheço, considera grafite mesmo quando tem essa intenção, quando é uma arte espontânea e que tem de alguma forma uma mensagem".*

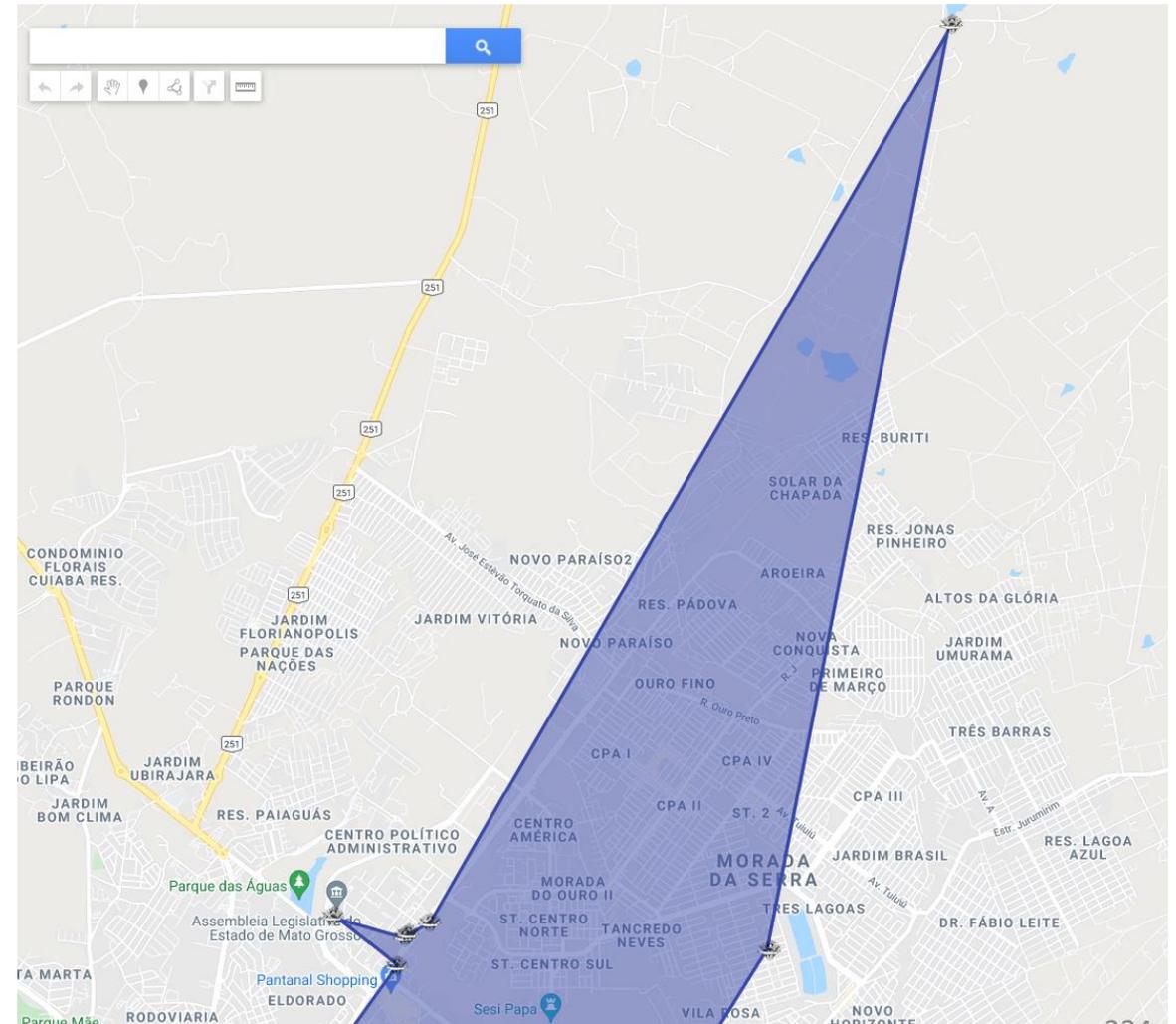
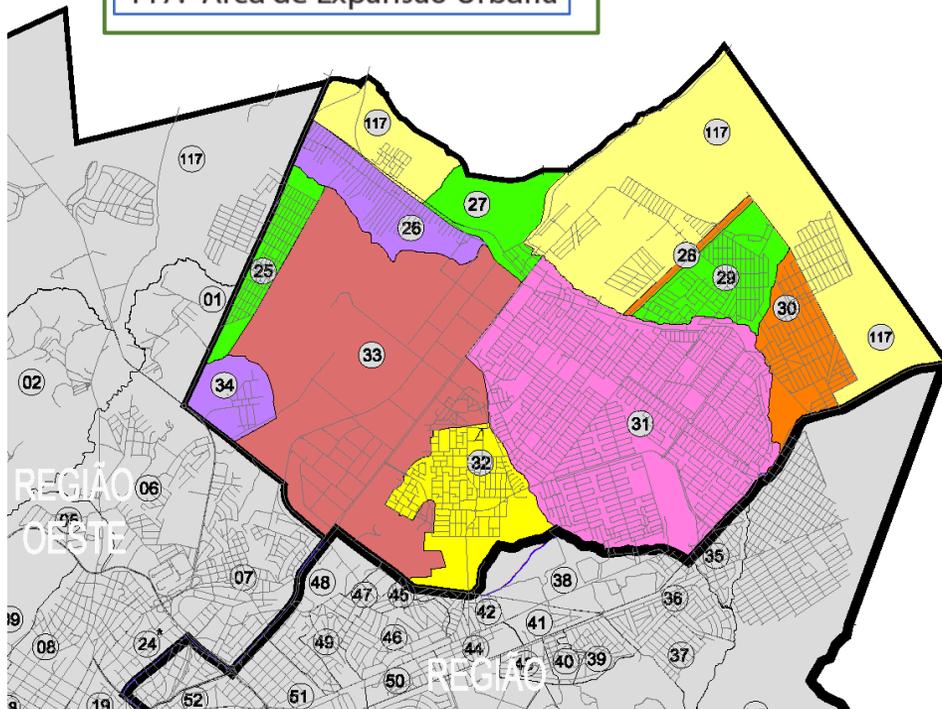


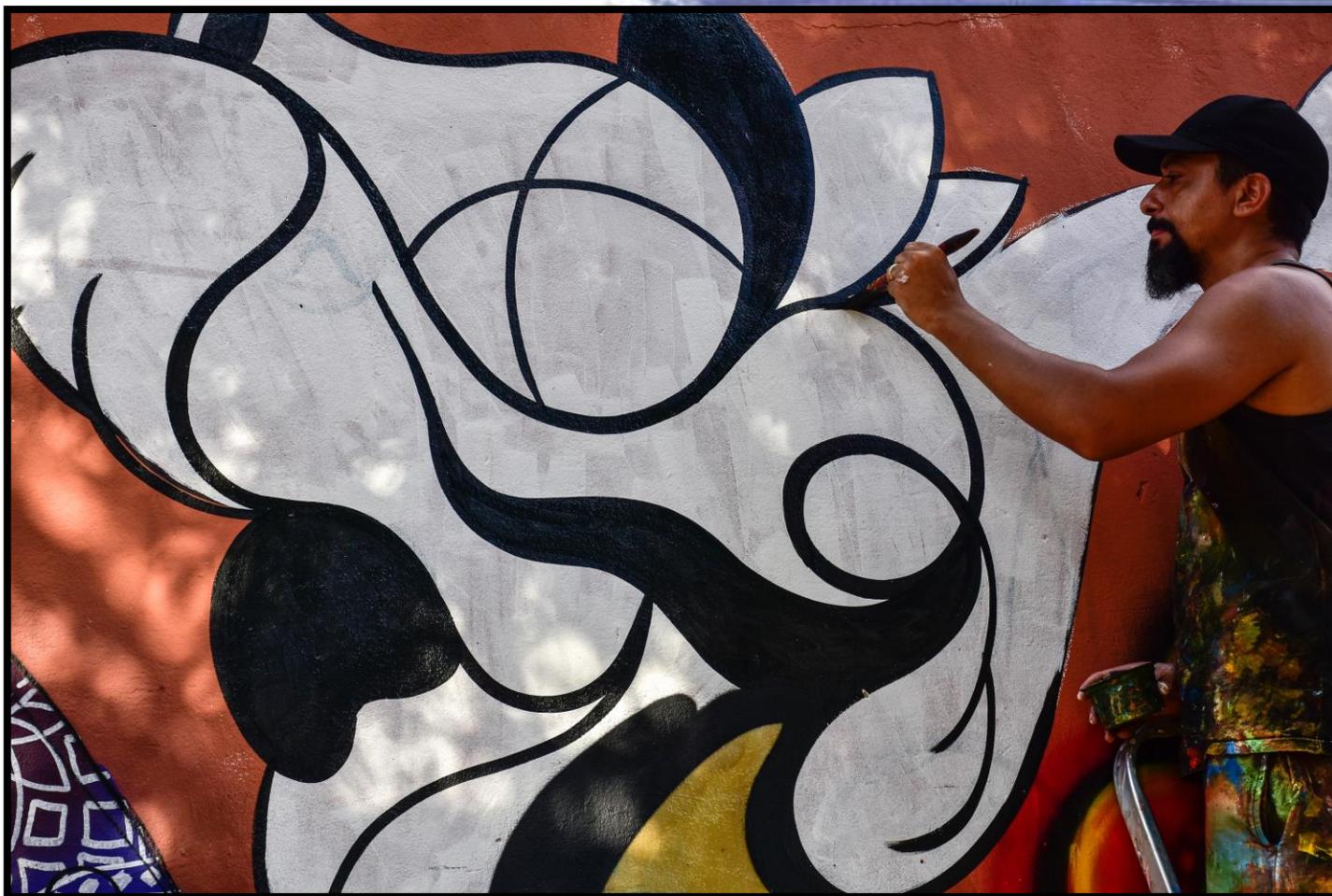
Muro Supermercado BIG Lar, Várzea Grande  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020

## NA REGIÃO NORTE FORAM REGISTRADAS AS SEGUINTE INTERVENÇÕES:

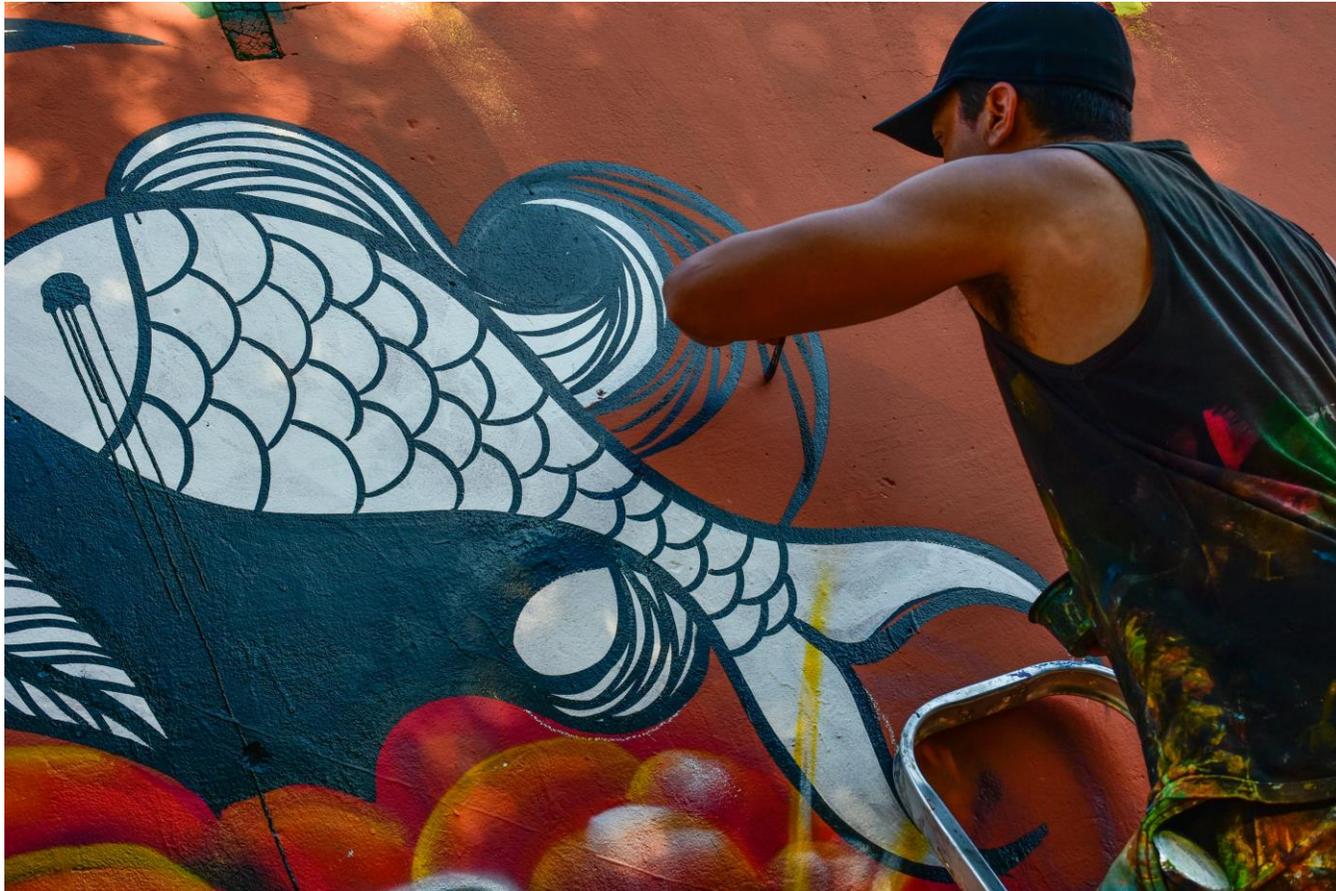
### REGIÃO NORTE

- 25. Jardim Florianópolis
- 26. Jardim Vitória
- 27. Paraíso
- 28. Nova Conquista
- 29. Primeiro de Março
- 30. Três Barras
- 31. Morada da Serra
- 32. Morada do Ouro
- 33. Centro Político Administrativo
- 34. Paiaçuás
- 117. Área de Expansão Urbana





Intervenção artística, 2º Mutirão de Graffiti Cuiabaza,  
Local: Morada da Serra - Praça CPA III  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Intervenção artística, 2º Mutirão de Graffiti Cuiabrazo,  
Local: Morada da Serra - Praça CPA III  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020





Fachada Associação Matogrossense dos Municípios  
Local: Centro Político e Administrativo – St. Nordeste  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



@aff.art

Fachada Associação Matogrossense dos Municípios  
Local: Centro Político e Administrativo – St. Nordeste  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Intervenção artística Praça das Bandeiras  
Local: Av. Historiador Rubens de Mendonça, Centro Administrativo e Político – St. Nordeste  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020,



Intervenção artística Praça das Bandeiras

Local: Av. Historiador Rubens de Mendonça, Centro Administrativo e Político – St. Nordeste

Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020,





Intervenção artística Teatro Cerrado Zulmira Canavarros  
Local: Av. André Maggi, Centro Administrativo e Político  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020,

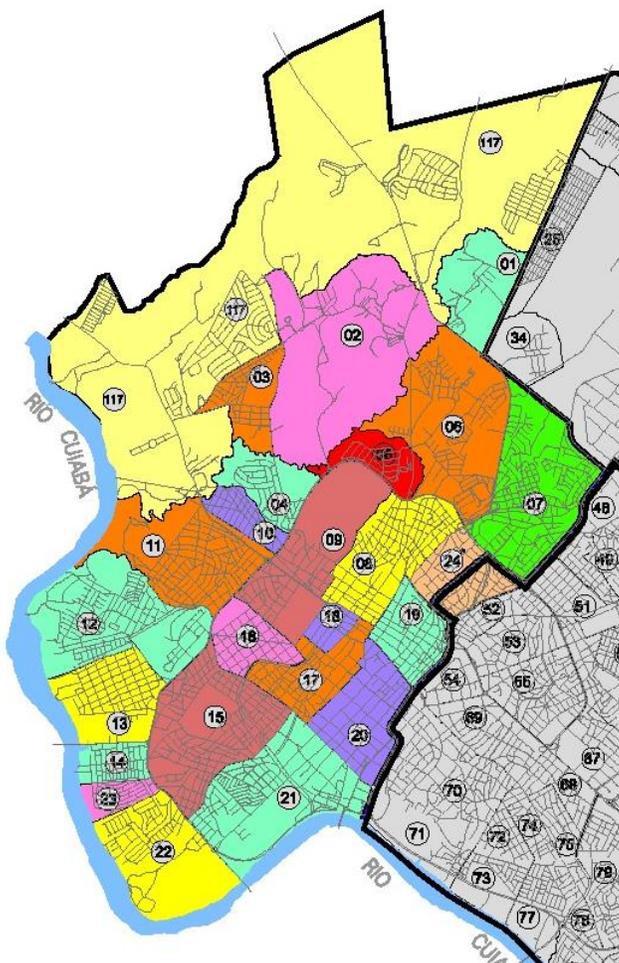


Intervenção artística Teatro Cerrado Zulmira Canavarros  
Local: Av. André Maggi, Centro Administrativo e Político  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020,



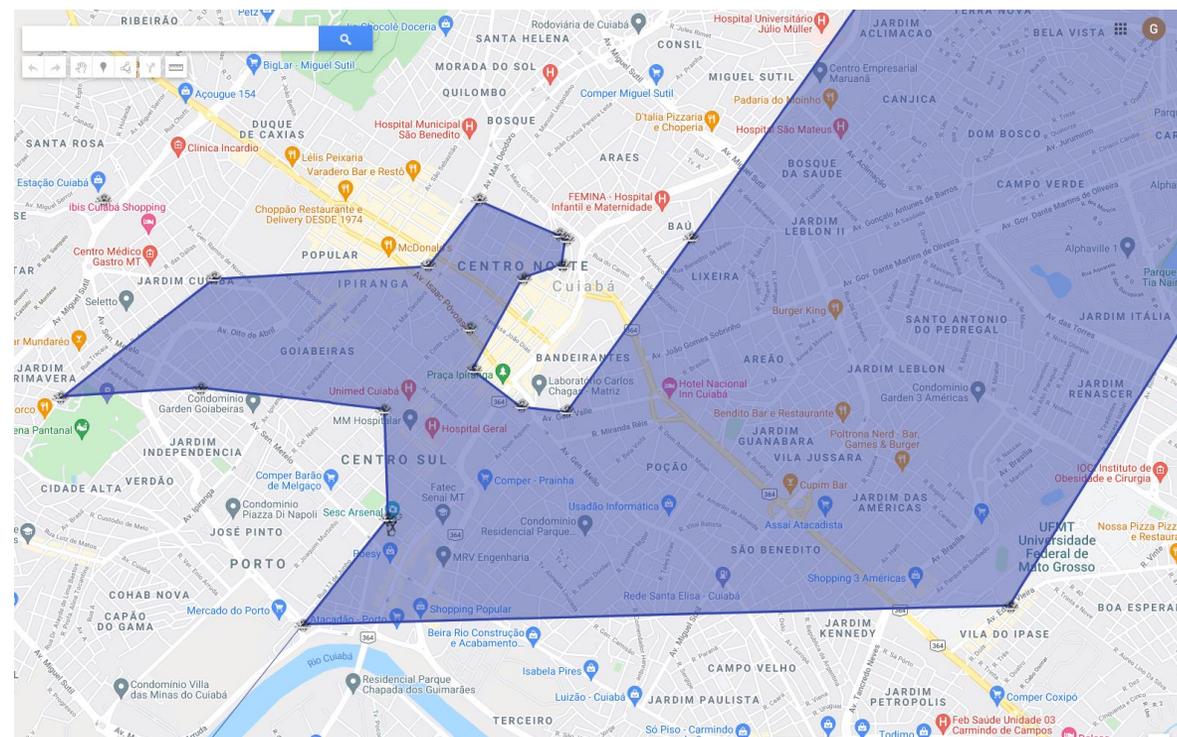
Intervenção artística Teatro Cerrado Zulmira Canavarros  
Local: Av. André Maggi, Centro Administrativo e Político  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020,

## NA REGIÃO OESTE FORAM REGISTRADAS AS SEGUINTE INTERVENÇÕES:



### REGIÃO OESTE

01. Jardim Ubirajara
02. Ribeirão do Lipa
03. Novo Colorado
04. Jardim Mariana
05. Santa Marta
06. Despraiado
07. Alvorada
08. Do Quilombo
09. Duque de Caxias
10. Ribeirão da Ponte
11. Santa Rosa
12. Barra do Pari
13. Jardim Santa Isabel
14. Cidade Verde
15. Cidade Alta
16. Jardim Cuiabá
17. Da Goiabeira
18. Popular
19. Centro-Norte
20. Centro-Sul
21. Do Porto
22. Coophamil
23. Novo Terceiro
24. Dos Araés (Parcial)\*
117. Área de Expansão Urbana





Projeto em parceria com a Maxivil  
Rua 24 de Outubro – Bairro Popular  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Lateral da loja Dom Manuel,  
Local: Rua Campo Grande, Centro Norte  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Entrada lateral da TelePizza  
Local: Av. Mal Deodoro, Centro Norte  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



O Chapeleiro Café e Sebo  
Local: Rua Pedro Celestino, Centro Norte  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



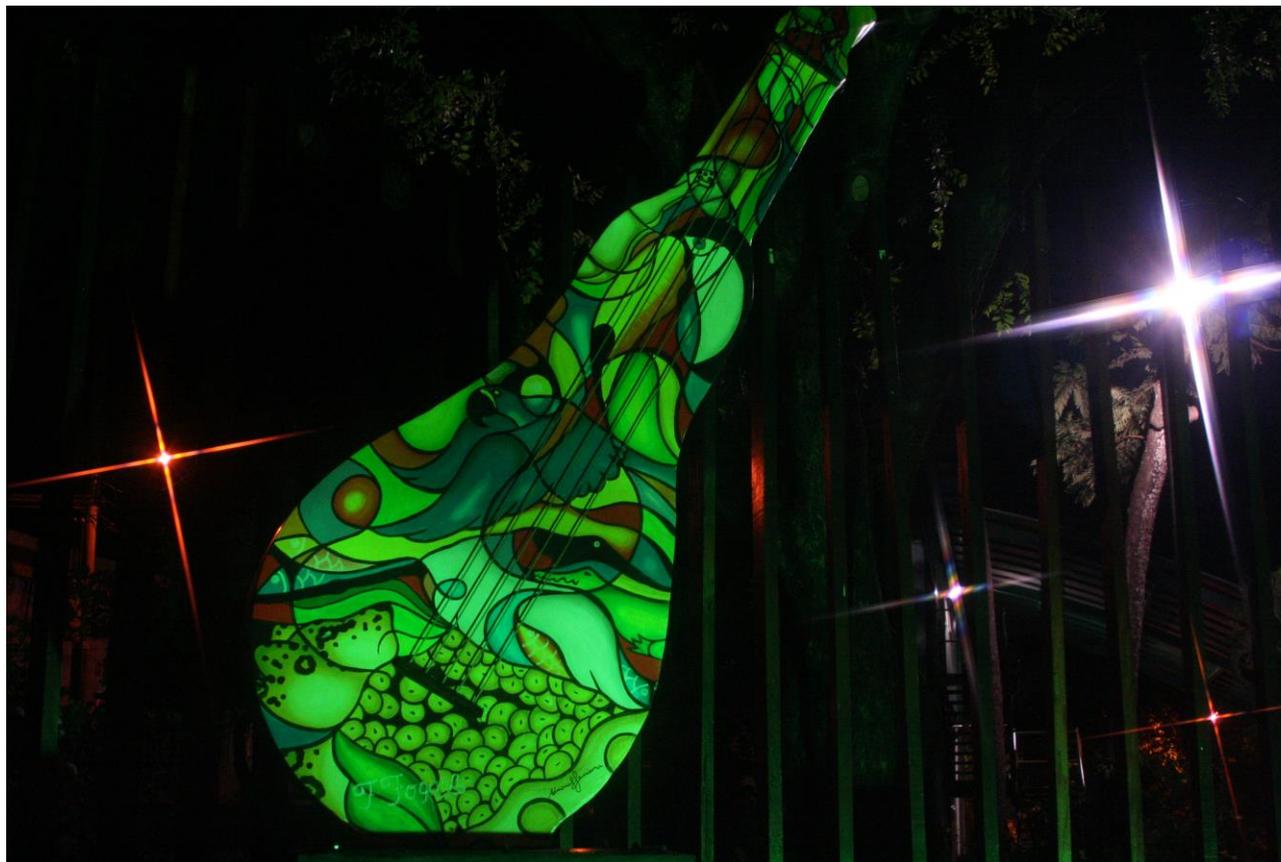
Intervenção Centro Histórico – Praça da Mandioca  
Local: Rua Pedro Celestino, Centro Norte  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Lateral Galeria Colonial  
Local: Rua Joaquim Murinho, Centro Sul  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2021



Top Designers – Projeto em parceria com a Maxivinil  
Local: Rua Comte.. Costa, Centro Sul  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Praça Rachid Jaudy  
Local: Av. Isaac Povoas, Centro Norte  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2014



Sesc Arsenal  
Local: Rua 13 de Junho - , Centro Sul  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2021

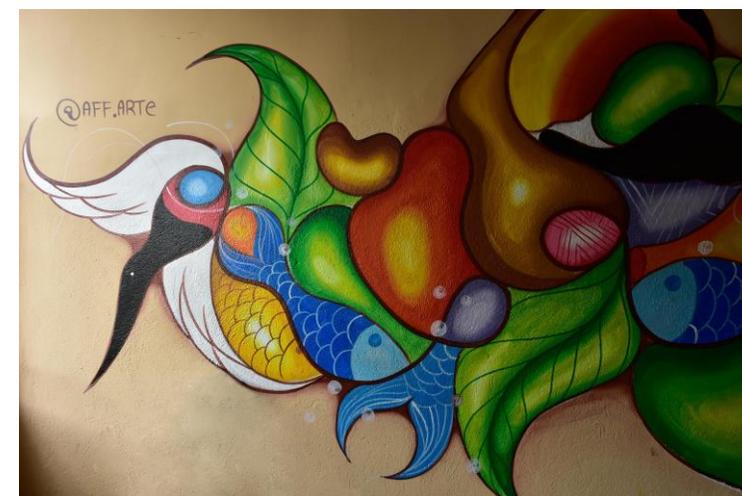




Facilita Dist. de Bebidas Parceria com a Maxvinil  
Local: Bairro Cidade Verde  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



INCASA Escola de Teatro André de Lucca parceria com a Maxivinil  
Local: Jardim Cuiabá  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Chá com Bolo da Tia Fran, parceria com a Maxivinil  
Local: Av. Senador Metelo, Jardim Independência  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2021



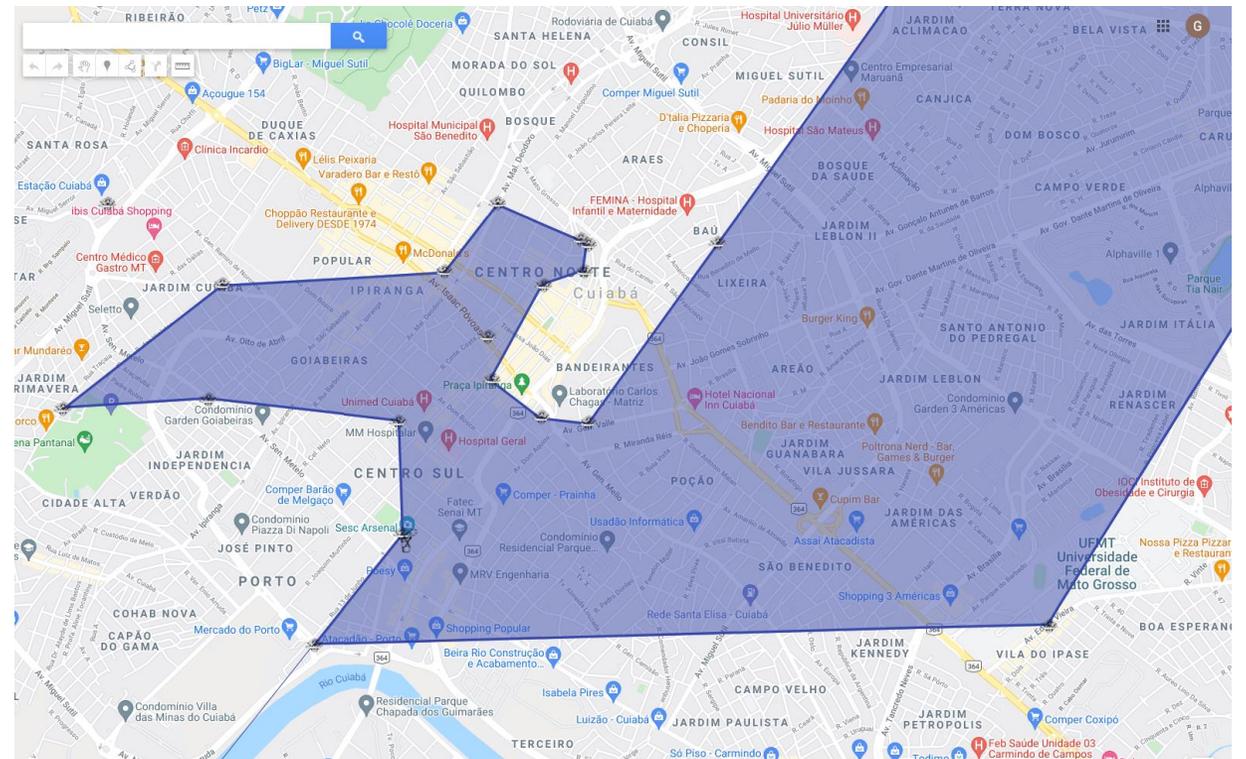
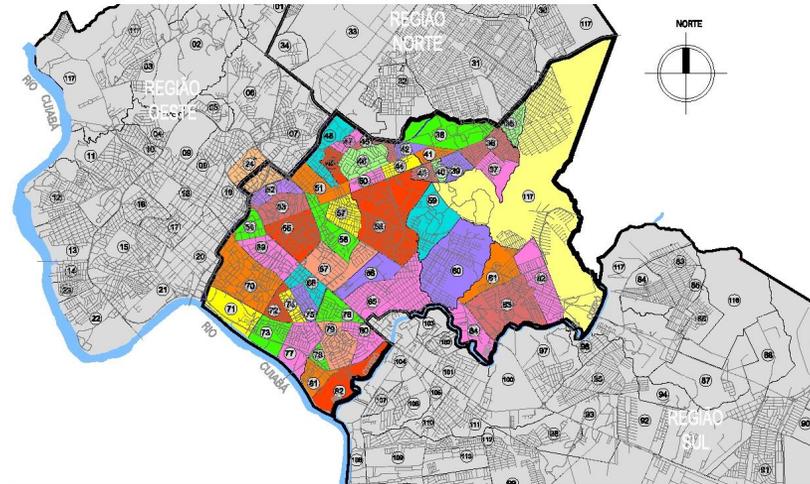
Intervenção Coletiva em comemoração aos 300 anos de Cuiabá  
Local: Av. 08 de Abril, Muro Comercial Uemura – Bairro Porto  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020

# NA REGIÃO LESTE FORAM REGISTRADAS AS SEGUINTE INTERVENÇÕES:

## REGIÃO LESTE

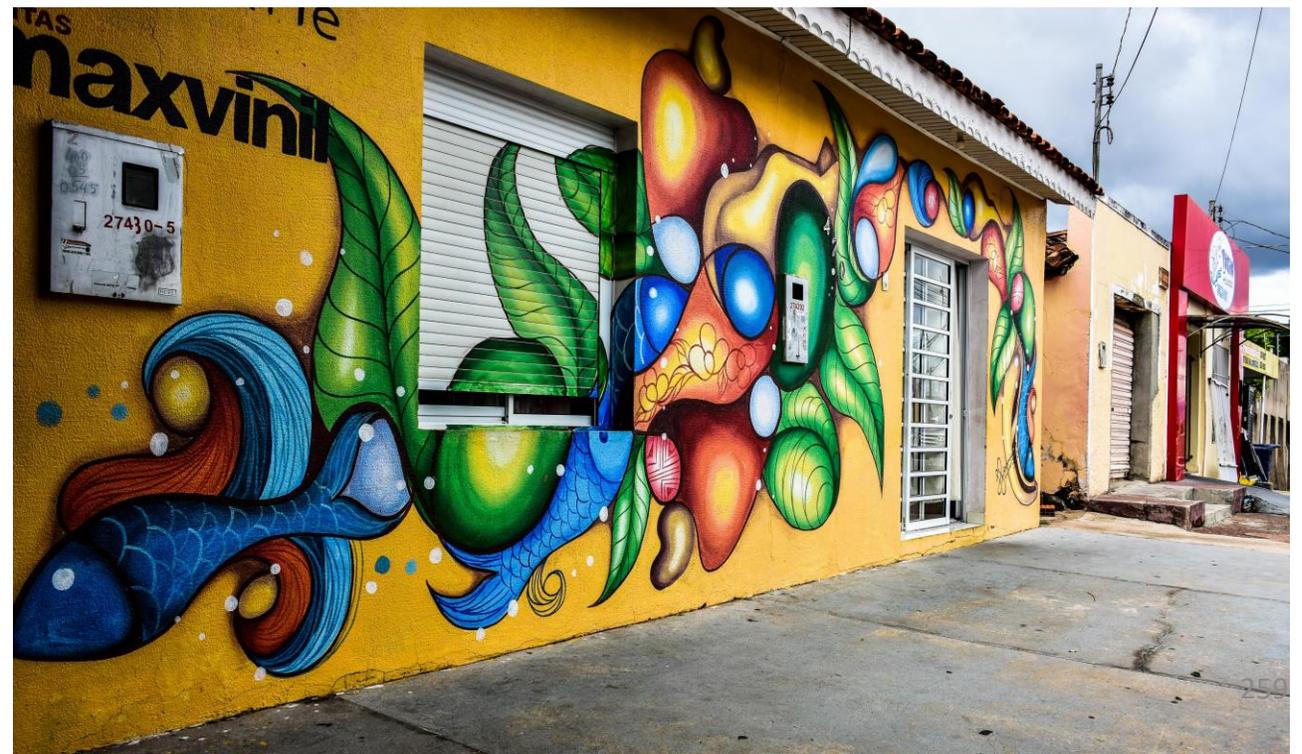
- 35. Novo Horizonte
- 36. Planalto
- 37. Residencial Itamarati
- 38. Novo Mato Grosso
- 39. Sol Nascente
- 40. Jardim Eldorado
- 41. Residencial São Carlos
- 42. São Roque
- 43. Residencial Santa Inês
- 44. Carumbé
- 45. Bela Vista
- 46. Dom Bosco
- 47. Terra Nova
- 48. Jardim Aclimação
- 49. Canjica
- 50. Campo Verde
- 51. Bosque Da Saúde
- 52. Do Baú
- 53. Da Lixeira
- 54. Dos Bandeirantes
- 55. Do Areão
- 56. Jardim Leblon
- 57. Pedregal

- 58. Jardim Itália
- 59. Morada Dos Nobres
- 60. Santa Cruz
- 61. Recanto dos Pássaros
- 62. Jardim Imperial
- 63. Jardim Universitário
- 64. Cachoeira das Garças
- 65. Boa Esperança
- 66. Ufmt (Campus Universitário)
- 67. Jardim das Américas
- 68. Pico do Amor
- 69. Do Poção
- 70. Dom Aquino
- 71. Do Terceiro
- 72. Jardim Paulista
- 73. Jardim Europa
- 74. Campo Velho
- 75. Jardim Tropical
- 76. Jardim Petrópolis
- 77. Grande Terceiro
- 78. Praeiro
- 79. Jardim Califórnia
- 80. Jardim Shangri-Lá
- 81. Praeirinho
- 82. Bela Marina
- 117. Área de Expansão Urbana





Centro Cultural Casa Cuiabana  
AV. General Valle, 181 – Bairro Bandeirante  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Dona Eulália e Família, Chá com Bolo  
Local: Rua João Felix – Bairro Lixeira  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Bar Sarambi  
Local: Av. Edgar Vieira – Bairro Boa Esperança  
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2021